A Construção Ética da Notícia Frente às Técnicas de Fotojornalismo: Uma Análise da Cobertura da Folha de São Paulo sobre o Desastre de Bangladesh[1]

André Araújo da SILVA[2]
Arthur de Oliveira ROCHA[3]
Juliana BULHÕES Alberto Dantas[4]
Juciano de Sousa LACERDA[5]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

A instantaneidade da notícia vem aumentando com o passar do tempo. Em busca do chamado "furo", os veículos de comunicação encontram no ciberespaço o local para divulgar notícias sobre acontecimentos ou fatos em "tempo real", atualizando as informações em pequenos intervalos de tempo. Para ilustrar as matérias, os veículos fazem uso de fotografias que chamam a atenção do público, utilizando técnicas fotojornalísticas e explorando, ao máximo, momentos de desgraça humana. Com base nas ideias dos autores Sousa (1998 e 2002), Sodré (2009), Freund (1995) e Pereira Junior (2006), analisamos a cobertura fotojornalística feita pelo portal Folha de São Paulo sobre o desastre ocorrido em Bangladesh, em abril de 2013. O artigo almeja traçar pontos de reflexões sobre esta cobertura a partir das metodologias de revisão bibliográfica e estudo de caso.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Fotojornalismo; Webjornalismo; Ética jornalística; Teorias da comunicação.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO ÉTICA DA NOTÍCIA

O ritmo acelerado com que os meios de comunicação - como o jornal, o rádio e o cinema - ganharam espaço na vida das pessoas foi o responsável pelo surgimento dos primeiros estudos sobre a mídia. E os americanos foram os pioneiros nessas pesquisas de comunicação em mídias de massa - *Mass Communication Research*.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRN, bolsista do Projeto de Iniciação à Docência "A articulação entre teoria e prática na vivência didática da disciplina Teoria da Comunicação" (Prograd/UFRN 2013), integrante do GP Pragma/UFRN. email: andre_ph_araujo@hotmail.com

[3] Graduado em Comunicação Social - Jornalismo (UFRN), estudante de graduação do curso de Comunicação Social – Radialismo (UFRN); bolsista do Projeto de Iniciação à Docência "Laboratório de redação Jornalística – Labjorn"; integrante do GP Pragma/UFRN email: arthurd.oliveira@hotmail.com

[4] Mestranda em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN); especialista em Assessoria de Comunicação (UnP); graduada em Comunicação Social – Radialismo (UFRN), estudante de graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo (UFRN) e integrante do GP Pragma/UFRN, email: julianabulhoes.ad@gmail.com

[5] Professor do Curso de Comunicação Social da UFRN e do Mestrado em Estudos da Mídia/UFRN. Líder do GP Pragma/UFRN. Coordenador do Projeto de Iniciação à Docência "A articulação entre teoria e prática na vivência didática da disciplina Teoria da Comunicação" (Prograd/UFRN 2013). email: juciano.lacerda@gmail.com

Para Lippmann (*apud* MARTINO, 2012), a construção da opinião pública se dá através da seleção de notícias feita pelos jornais. No entanto, a seletividade nem sempre significa manipulação da informação, pois ela é necessária para cumprir a rotina desses meios. Essa seletividade é feita pelo jornalista, que ao presenciar um fato decide, a partir de um repertório da prática da profissão, o que será publicado para representar uma realidade específica. E, "a partir do momento em que alguns detalhes são acentuados e outros não, a notícia se torna o veículo de uma representação específica da realidade – não uma distorção deliberada, mas uma necessidade prática" (MARTINO, 2012, p. 21).

Lippmann (*apud* MARTINO, 2012) também concebe que a ideia de estereótipo é um elemento importante na interpretação de uma determinada realidade pela sociedade. Para ele, o estereótipo não é algo negativo, desde que o representado não perca seu lugar, pois se isso acontecer o estereótipo se transforma em preconceito.

O estudo de produção de notícias, segundo Martino (2012), conhecido como *newsmaking*, visa entender como os meios de comunicação retratam determinada realidade através das notícias. Segundo o estudo, para se produzir uma notícia é preciso haver uma seleção dos fatos relevantes e dignos de serem publicados. O jornalista é o responsável por selecionar esses recortes da realidade, mas isso não significa manipulação da informação.

Para Bistane e Bacellar (2008), o repórter tem a função de relatar precisa e resumida um fato, pois "uma coisa é ouvir uma história; outra é entender o suficiente para contá-la, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e inteligível" (BISTANE e BACELLAR, 2008, p. 13). Nos estudos de *newsmaking* existe a figura do *gatekeeper*, "ou 'guarda do portão', pessoa responsável por definir o que pode ou não entrar em um grupo" (MARTINO, 2012, p. 36). Para embasar esta escolha, há os valores-notícias ou os critérios de noticiabilidade, que, segundo Pinto (2009), são: ineditismo, improbabilidade, utilidade, apelo, empatia, conflito, proeminência e oportunidade – critérios que amparam o profissional de comunicação no momento de produzir notícias e escolher as pautas.

A deontologia é um conceito que nos ajuda a entender o que está no âmbito do fazer profissional. Ela se aproxima do termo ética, porém é mais específica de cada profissão e engloba uma maior subjetividade. A palavra "deontologia" vem do grego *deóntos* e significa "dever ser". Segundo Karam (2009), refere-se ao conjunto de princípios para o exercício da atividade profissional que estabelecem o dever ser na configuração de processos e produtos.

> Especialmente em relação às profissões da comunicação, como jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas, corresponderia ao conjunto de

> procedimentos considerados corretos, aconselháveis ou recomendáveis, desde a perspectiva ético-moral, no exercício da atividade (KARAM, 2009, p. 91).

Silva (2009, p. 147) considera que "a ética, concebida como um auto-olhar, uma inspeção cuidadosa e rigorosa dos *ethe* (atitudes e usos da conduta humana), deve ser objeto do estudo e da prática da comunicação". Consoante com o autor, a palavra ética refere-se ao *éthos*, que por sua vez significa costume, hábito, comportamento ou uso.

Por sua vez, Barros Filho (2003) trata a ética na comunicação não a partir do comportamento dos profissionais, mas do "produto informativo". Mesmo assim, sua obra traz uma contribuição à pesquisa ao defender que qualquer normatização do trabalho jornalístico – incluindo padronização quanto à ética – é inútil quando são desconhecidos os efeitos negativos que podem ser evitados com tal prática. A Diretoria Executiva da FENAJ (2007) entende que os dilemas éticos estão presentes em todos os segmentos que compõem o jornalismo.

O objetivo do trabalho é analisar a construção da notícia feita pelo portal da Folha de São Paulo sobre o desastre ocorrido em Bangladesh, em abril de 2013, a partir das técnicas fotojornalísticas utilizadas, tendo como recorte temporal o período de 24 de abril a 12 de maio de 2013. O recorte justifica-se pelo fato do periódico, neste período, fazer uso de fotografias para ilustrar as matérias sobre o desastre. Faremos uma reflexão a partir dos conceitos de *newsmaking*, acima citado, bem como considerações sobre o uso da técnica e linguagem fotojornalística frente às questões éticas da construção da notícia.

A VERDADE NO JORNALISMO

É através dos meios de comunicação que, muitas vezes, a sociedade toma conhecimento de um determinado fato ou acontecimento. De acordo com o *Framming Efectt*, a mídia é a responsável por construir a ideia de "verdade" das pessoas, determinando como elas vão interpretar determinada realidade divulgada pelos meios de comunicação. A informação que chega até determinado indivíduo carrega em si, além da informação propriamente dita, o ângulo do repórter e o ângulo da edição pelo qual a notícia passou para se adequar à técnica e dentro dos padrões jornalísticos, pois "notícias são o resultado de várias escolhas e seleções feitas por jornalistas, editores e empresas de comunicação a respeito de como um fato deve ser transformado em um texto" (MARTINO, 2012, p. 35). Para o *Framming Efectt*, a mídia influencia a criação de referências das pessoas, que tendem a pensar de forma semelhante ao meio de comunicação pelo qual elas se informam.

A objetividade jornalística é um dos mitos mais conhecidos e discutidos dentro dos estudos no campo do jornalismo. Inicialmente, segundo Sodré (2009), a objetividade, ao longo do século XIX, era o que delineava a credibilidade jornalística. E, durante o século XX, ela era encarada como um direito humano. No entanto, essa questão

> Vem se tornando cada vez mais complexa com o desenvolvimento da informação jornalística nas redes eletrônicas, onde é sempre possível introduzir um novo material informativo, cuja fonte costuma ser a impressão ou a opinião do próprio autor da matéria, quando não a desinformação deliberada (SODRÉ, 2009, p. 44).

A objetividade plena é impossível no jornalismo, o que é uma impotência humana diante de sua subjetividade (GENRO FILHO, 1997). Muitos pesquisadores denominam-na de mito. Segundo Genro Filho (1997), pensadores como Marcondes Filho sugerem que a ideia de uma informação objetiva é possibilidade teórica, impossível de realização plena. "Essa objetividade estaria situada num plano relativista, a partir de um distanciamento crítico dos interesses e enfoques parciais" (GENRO FILHO, 1997, p. 185).

Para Tuchman (1993), os jornalistas fazem uso da objetividade como um ritual estratégico para protegerem-se dos riscos da profissão. "Os jornalistas têm de ser capazes de invocar algum conceito de objectividade a fim de trabalhar os factos relativos à realidade social" (TUCHMAN, 1993, p. 75).

É fato que a internet possibilitou maior acesso à informação, mas o caráter democratizador da digitalização esbarra em algumas deficiências que a sociedade contemporânea ainda passa, como a exclusão digital de uma parcela da população e o alto custo do serviço de banda larga no Brasil. No entanto, mesmo com algumas barreiras, é cada vez mais comum perceber-se a produção de notícias feitas por fontes e veículos de comunicação alternativos e contra hegemônicos.

É no ciberespaço que as notícias correm o mundo. Mas, ao mesmo tempo em que a internet “democratiza” a informação, seja na produção ou na recepção, ela também pode potencializar a manipulação da notícia e até o falseamento. É comum, em tempos de Facebook, o compartilhamento de notícias falsas veiculadas por *sites*/portais sensacionalistas e não comprometidos com a verdade. Sodré (2009) diz que a “verdade” é “entendida do modo mais familiar ao senso comum, que é a noção da correspondência do enunciado aos fatos do mundo” (SODRÉ, 2009, p. 46) e para Pereira Junior (2006), a realidade “continuará sendo esse conjunto sensorial feito de consensos e índices que julgamos universais e com os quais definimos nossas certezas diante do mundo” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 25).

A FOTOGRAFIA COMO RECORTE DA REALIDADE

A prática fotojornalística é fundamental nos jornais impressos, revistas, portais e sites, principalmente em uma sociedade contemporânea da informação, sufocada com o advento de tantas novas tecnologias digitais. Para Sousa, as fotografias jornalísticas devem ser encaradas como "artefactos de génese pessoal, social, cultural, ideológica e tecnológica" (SOUSA, 1998, p. 02). As primeiras manifestações do que se tornariam as fotografias jornalísticas ocorrem quando os "primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal" (SOUSA, 1998, p. 19).

Por meio das fotografias, as notícias se tornam mais atrativas, possibilitando uma melhor compreensão e interpretação dos fatos por parte do leitor. Na vida contemporânea, a fotografia também desempenha um papel capital, no sentido mercadológico da palavra. É difícil encontrar uma atividade humana que não a empregue, a fotografia "tornou-se indispensável para a ciência e para a indústria. Está na origem de *mass media* como o cinema, a televisão e as *videocassettes*. Ela dá-se a ver diariamente em milhares de jornais e revistas" (FREUND, 1995, p. 20).

O jornalismo foi uma das primeiras atividades a utilizar a fotografia como meio de informação para produção de sentido, uma vez que a fotografia funciona como "prova", ela credibiliza os enunciados verbais e as representações da realidade que esses enunciados criam. Isso atrai os leitores, atrai a confiança deles. Logo, a fotografia permite mais credibilidade ao veículo e à informação transmitida.

Mas, para que isso aconteça, é necessário que texto e foto estejam em equilíbrio, no que diz respeito à harmonia entre informação visual e textual. As técnicas da linguagem fotojornalística apreendidas pelo fotógrafo, o manejo adequado do equipamento fotográfico, os conhecimentos de enquadramentos, planos e ângulos, a percepção e a construção de pontos de vista é que fazem da foto um elemento exponencial para chamar atenção do leitor para que o jornal seja comprado e a notícia lida e apreciada.

Contudo, não se pode levar em conta a fotografia, mesmo a jornalística e espontânea, como um espelho do real, ela jamais deixará de ser uma representação, que foi produzida com sentido determinado pelo olhar, intenção e trabalho do fotógrafo que capturou a referida imagem. Apesar da evolução ao longo da história, a fotografia jornalística continua, para o senso comum, sendo o espelho do real. O que a foto regista é "a verdade", aconteceu de fato e o fotógrafo esteve lá como testemunha. Sobre isto, nos fala Jorge Pedro Sousa:

> Esta noção da fotografia como espelho do real, imagem reflectida que não mente, está profundamente vinculada à história cultural da fotografia e, apesar das novas tecnologias da fotografia digital, estamos convencidos de que terá ecos no futuro. Não é de espantar: lançada num ambiente positivista, a fotografia desenvolveu-se, inicialmente, numa época histórica em que o valor do facto era grande, pelo que é com alguma naturalidade que a foto — vista como um registo, funcionando como prova — se ligou à ciência, aos governos, aos militares, à indústria e, principalmente, às organizações noticiosas, envolvidas num processo de industrialização que as levaria, em relação com o positivismo, à adopção da ideologia da objectividade (SOUSA, 1998, p. 253-254).

Um dos traços mais característicos da fotografia é ser igualmente recebida em todas as camadas sociais. Além disso, "o seu poder de reproduzir exatamente a realidade exterior – poder inerente à sua técnica – empresta-lhe um carácter documental e fá-la aparecer como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social" (FREUND, 1995, p. 20). Por isso, a fotografia é um recurso tão utilizado no jornalismo contemporâneo. Ela é a prova documental de algo ocorrido. Sendo assim, o profissional da fotografia atua como um documentalista, que permite o registro imagético dos acontecimentos de um determinado local ou região num espaço de tempo. Mas é necessário recordar que a fotografia não é unicamente uma técnica ou um documento imagético e seu valor também não pode ser medido apenas sob o ponto de vista estético, mas sim pela intensidade humana e social, pela emoção que provoca.

Num ambiente de informação como a *web*, que não possui a credibilidade dos veículos impressos – os leitores ainda atribuem mais "verdade" à palavra e à imagem impressa – a fotografia como registro de um acontecimento está diretamente relacionada com a credibilidade que o leitor/internauta dará àquele conteúdo. É ai que entram as manipulações imagéticas, que possuem esse caráter de confundir o leitor, apresentando a ele um conteúdo falso ou distorcido em seu significado original, mas tentando convencê-lo da veracidade devido à apresentação de um registro fotográfico do fato.

MANIPULAÇÃO E EDIÇÃO NA PRÁTICA JORNALÍSTICA

É fato que a imagem tem, em certas ocasiões, como no jornalismo, maior impacto do que o texto verbal. Na prática jornalística, é comum compor textos com fotografias e, no caso da televisão, os textos jornalísticos estão sempre atrelados a imagens. No entanto, "desde meados dos anos oitenta que a velha questão da truncagem e manipulação de fotografias adquiriu uma dimensão superior, devido à emergência dos meios digitais de geração e processamento de imagens" (SOUSA, 2002, p. 135).

Durante a apuração de uma notícia, repórteres, fotojornalistas e cinegrafistas buscam fazer um recorte da realidade, seja ao formular uma pergunta, ao fazer uma fotografia ou imagem com determinado ângulo ou enquadramento. Após a coleta desse recorte, a equipe retorna à redação para montar a notícia que será veiculada por determinado meio de comunicação, seja impresso, *online* ou audiovisual. É nessa hora que entram em cena os editores de texto e imagem (vídeo e fotografia). Alguns autores defendem que as escolhas feitas pelos jornalistas nem sempre implicam em distorção da realidade. Para Silva (2009), "as lentes dos jornalistas [...] ampliam ou reduzem o observado de acordo com o grau de interesse do observador, do seu ângulo de visão e da sua grade de percepção" (SILVA, 2009, p. 03).

Não é de hoje que fotografias são manipuladas ou editadas. Segundo Freund (1995), o retoque de negativos foi inventado pelo fotógrafo Hampstangl, de Munique, e teria sido um fato decisivo para o futuro da fotografia. Para a autora, ali estava o começo da degradação da fotografia, pois, uma vez que o emprego do retoque de modo abusivo elimina todas as qualidades características de uma reprodução fiel, o retoque teria tirado a essência da fotografia. A perda desta essência estaria, então, diretamente relacionada ao uso abusivo na manipulação de uma imagem.

No entanto, os avanços tecnológicos vieram intensificar e mesmo facilitar as inúmeras possibilidades de se manipular uma imagem. É comum vermos distorções em fotografias veiculadas nos meios de comunicação, seja impresso, virtual ou televisivo. Mas é no meio virtual que as notícias ganham cada vez mais visibilidade. Caso recente é a fotografia veiculada pelo *Daily News*, na qual o ferimento da perna de uma das vítimas do atentado sofrido na maratona de Boston foi retirado da imagem original para estampar a capa da edição do dia 16 de abril de 2013. A imagem logo ganhou espaço no meio virtual e televisivo. Muitos veículos digitais reproduziram a fotografia e, posteriormente, noticiaram a possível manipulação da imagem, levantando discussões sobre a legitimidade do material veiculado.

Levando em consideração que a notícia veiculada pelos meios de comunicação, seja por meio de texto, fotografia ou audiovisual, é um recorte da realidade e "esse recorte da realidade limita a visão, e o que é particularidade pode assumir a dimensão do todo" (BISTANE e BACELLAR, 2008, p. 84), manipular um material (texto, imagem ou som) implica cautela. Não é possível, jornalisticamente, retratar a realidade total de um acontecimento/fato. A manipulação começa na angulação e no foco que o jornalista escolhe

para retratar uma determinada realidade. No entanto, manipular não significa distorcer tal realidade.

Imagens dão credibilidade e força às notícias, "quando os jornalistas falam em realidade, fatos ou acontecimentos, estão na prática falando de "construção", de reprodução simbólica" (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 33). A técnica jornalística sempre vai existir e a realidade nunca será registrada/relatada/noticiada em sua totalidade. No entanto, a manipulação deliberada de texto, fotografia, imagem ou som leva à distorção do real e pode espetacularizar o acontecimento/fato.

Silva (2009), assim como outros pesquisadores da comunicação, defende que a manipulação jornalística se dá já na angulação que o profissional escolhe para narrar um fato, não pela mentira, pois o jornalista pode até contar "exatamente" o que aconteceu, o que não significa que ele conte tudo, uma vez que essa narrativa é apenas um recorte. Essa "realidade" (a técnica jornalística) é comum a todos os veículos de comunicação de massa, pois "a essência da técnica jornalística não é técnica, mas cultural" (SILVA, 2009, p. 14).

Para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação entre fotografia e texto, como explica Sousa (2002, p. 09), ao se falar em fotojornalismo, é preciso ter em mente mais que exclusivamente o registro fotográfico: "A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem".

A importância das legendas está atrelada ao mito de objetividade e imparcialidade pura da imagem fotográfica. Uma mesma fotografia apresentada com legendas diferentes permite uma interpretação equivocada por parte do leitor, levando a distorção do sentido que a fotografia originalmente tinha. É necessário ressaltar que a ausência de legendas também pode permitir interpretações equivocadas por parte do leitor, seja essa ausência intencional ou não – no que diz respeito a induzir o leitor a interpretações que não sejam condizentes com o sentido original do conteúdo quando este foi produzido.

Para Sousa (2002, p. 75), entre os mais relevantes "elementos potencialmente conferidores de sentido a uma mensagem fotojornalística" estão, além do texto (legenda), os elementos que fazem parte da própria imagem – como a pose, presença de determinados objetos na composição da foto, uso de várias imagens em sequência, embelezamento da imagem e/ou de seus elementos – como também os elementos específicos da linguagem fotográfica – relação espaço-tempo, profundidade de campo, enquadramentos, planos, ângulos, foco, relação figura-fundo, etc. Logo, é a utilização combinada destes elementos que irá conferir sentido a uma imagem fotográfica no momento em que ela é feita.

A escolha desses elementos por parte do fotógrafo fará a mensagem ser uma em detrimento de outra, caso a escolha dos elementos fosse diferente. Portanto, o trabalho do fotógrafo jamais pode ser arbitrário no momento de escolha, por exemplo, de um enquadramento, ou no instante da inclusão ou exclusão de um objeto na composição da foto ou, ainda, quando ele faz o jogo de luz e sobra sobre o referente que está sendo fotografado.

FOTOJORNALISMO E ÉTICA: UMA ANÁLISE DAS IMAGENS PUBLICADAS NA FOLHA DE SÃO PAULO

A mídia está cada vez mais presente no dia a dia da sociedade e, desde o seu surgimento, é responsável pela construção de conhecimento das pessoas. É através da mídia, por exemplo, que estereótipos são criados e eles ganham *status* de verdade, uma vez que essa construção é vista por milhares de pessoas. No entanto, a construção do estereótipo pela mídia não significa um aspecto estritamente negativo, pois eles são um componente importante para o entendimento de determinada realidade.

É preciso saber o limite entre estereótipo e preconceito – "quando a representação toma lugar do representado o estereótipo ganha a força de dogma e se converte em preconceito" (MARTINO, 2012, p. 22) – o que acontece, muitas vezes, quando a mídia apresenta apenas alguns aspectos de países asiáticos, por exemplo, como Bangladesh, focando em notícias de desastres e pobreza, construindo uma imagem distorcida da realidade, pois "esse recorte da realidade limita a visão, e o que é uma particularidade pode assumir a dimensão do todo" (BISTANE, 2008, p. 84).

A Folha de São Paulo noticiou em seu portal na internet, em 24 de abril de 2013, o desabamento de um prédio em Bangladesh, com o título "Desabamento de prédio mata ao menos 76 em Bangladesh". Pode-se observar, durante a matéria publicada no site, a ânsia pelo "furo de notícia", publicando informações imprecisas e utilizando como fonte outro periódico, o *The Daily Star*.

É observada a imprecisão das informações em trechos como "Ao menos 76 pessoas morreram e centenas ficaram feridas nesta quarta-feira..." e "Bhuyian assinalou que se desconhece o número exato de pessoas que estão sob os escombros"[6]. Para ilustrar a matéria, a Folha de São Paulo utilizou fotografias que mostram trabalhadores em frente ao prédio que desabou, pessoas procurando corpos e feridos, além de cenas de tristeza com

[6] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1267780-desabamento-de-edificio-mata-ao-menos-28-em-bangladesh.shtml>.

pessoas chorando, já que "explorar a miséria humana é infinitamente mais barato" (BISTANE, 2008, pág. 81), como mostram a **Figura 1** e a **Figura 2**. Na **Figura 1**, o jornal faz uso de um plano conjunto para mostrar o resgate de uma vítima que se encontra ferida. Já na **Figura 2**, em um plano médio, a Folha de São Paulo mostra um casal chorando, desesperado com o desaparecimento de familiares. Percebe-se que a Folha de São Paulo não se preocupa em preservar a dor e privacidade das pessoas, mesmo elas estando em um local público.

Figura 1: *Equipes de resgate e voluntários buscam sobreviventes de desabamento de prédio em Daca, capital de Bangladesh* (Foto: Andrew Biraj/Reuters)

Figura 2: *Equipes de resgate e voluntários buscam sobreviventes de desabamento de prédio em Daca, capital de BangladeshI* (Foto: A. M. Ahad/AP)

Observa-se que, além de explorar momentos de tristeza, a Folha de São Paulo limita-se em usar as mesmas legendas em todas as fotos, como é exemplificado nas figuras 1 e 2, que transcreve o conteúdo do texto utilizado pelo jornal, sem explorar melhor este recurso estrutural, já que fotografia e texto se complementam e orientam a construção de sentido para a mensagem, como diz Sousa (2002). No mesmo dia, o portal publicou mais

duas matérias sobre o desabamento. Com o passar dos dias, foi atualizando o número de mortos e feridos no desastre, mas fez uso das mesmas fotografias e legendas publicadas anteriormente.

No dia 28 de abril, a Folha de São Paulo publicou mais uma matéria com dados atualizados da tragédia. Para ilustrar, fez uso de mais imagens que mostram pessoas em momentos de tristeza e perigo, como é o caso da **Figura 3**, que ilustra, em um plano conjunto, o momento do resgate de uma sobrevivente. Diferentemente da matéria do dia 24 de abril, nessa atualização, a Folha de São Paulo fez uso de legendas diferentes para cada foto, complementando a informação entre imagem e texto, como defende Sousa (2002). No entanto, continuou explorando a imagem das pessoas em situações de risco.

Figura 3: "*Militares de Bangladesh resgatam mulher que ficou 60 horas presa em escombros de desabamento que matou mais de 300 Leia mais"* (Foto: AFP)

No dia 11 de maio, 17 dias depois do desastre, o portal divulgou a informação de que havia uma sobrevivente sob os escombros do prédio, atualizando os dados dos números de mortos e fazendo uso de mais imagens de sofrimento e dor, como ilustra a **Figura 4**. De forma espetacularizada, a Folha de São Paulo ilustrou a matéria com a foto do resgate da jovem de 18 anos, rodeada de bombeiros e militares, em uma maca, em situação crítica. A notícia publicada é uma mescla de informações já divulgadas nos dias anteriores.

Figura 4: *"Equipes de resgate de Bangladesh socorrem Reshma, a mulher que ficou 17 dias presa em escombros de prédio Leia mais"* (Foto: AFP)

De acordo com Fiori *et al* (2011), "sensacionalismo é um mecanismo de tratamento da informação utilizado pela mídia com o objetivo de alcançar audiência que será convertida em capital". Os autores apontam o caso de Isabella Nordoni, assassinada pelo pai e madrasta em 2008, como exemplo de uma cobertura jornalística sensacionalista - isto é, que ultrapassou o interesse social e direcionou o jornalismo a um nível vendável da notícia.

De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007), 6º artigo, inciso VIII, é dever do jornalista "respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão". Tendo em vista esta passagem, podemos inferir que, nesta ocasião, a Folha não seguiu o código, uma vez que as fotografias que ilustram as matérias, em sua maioria, expõem pessoas em situações de risco, debilitadas. Já segundo o artigo 11, inciso II, o jornalista não pode divulgar informações "de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes", o que claramente não foi seguido na cobertura deste acidente, pois a Folha de São Paulo fez uso de imagens que exploram momentos de tristeza e dor extremas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale destacar que a Folha de São Paulo escolhe recortes da realidade do desastre para noticiar o que aconteceu em Bangladesh. Além disso, explora os momentos críticos e de violência para ilustrar suas matérias. Ou seja, ao mesmo tempo em que publica notícias sobre protestos violentos com a justificativa de informar a sociedade, remetem as críticas ao fim da violência de forma cínica, como aponta Bistane (2008), quando na verdade quer que ela continue acontecendo para sustentar, financeiramente, a mídia.

Outro ponto de destaque é saber que existe um código de ética e que muitos profissionais justificam uma "má conduta" (falta de ética) utilizando argumentos falsos de informar a sociedade, quando na verdade o interesse é meramente comercial e estão exercendo o trabalho da chamada "imprensa marrom", mais preocupada no sensacionalismo (publicando fotos desnecessárias) do que na informação.

O uso de imagens para ilustrar o acontecimento/fato é positivo, pois complementa a informação. No entanto, a Folha de São Paulo fere o código de ética ao utilizar fotografias que não preservam a imagem das vítimas da tragédia ocorrida em Bangladesh.

Faz-se necessário inferir que o exercício do jornalismo está em informar e prestar serviço à sociedade, e não espetacularizar os fatos. Para isso, é preciso abaixar a câmera, mesmo que apenas por princípios morais, respeitando a dor do próximo e entendendo que para informar não é necessário explorar a imagem humana. Aprovado em 1987, o Código de Ética dos Jornalistas poderia ser seguido por todos os profissionais para que a qualidade do jornalismo brasileiro pudesse ser maior, sem que se priorizassem os interesses comerciais que regem os veículos de comunicação no Brasil.

REFERÊNCIAS

BISTINE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2008.

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória-ES, 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em 10 jun. 2013.

FIORI, Bruna da Silva et al. Jornalismo e sensacionalismo: o fato, a notícia e o show. **Identidade Científica**, Presidente Prudente-SP, v. 2, n. 2, p. 251-265, jul./dez. 2011

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade.** Tradução de Pedro Miguel Frade. 2. Ed. Lisboa: Veja, 1995.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 3. Ed. Porto Alegre: Ortiz, 1997.

MARTINO, Luís M. Sá. **"Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos"**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **"A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa"**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas, exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **"A questão da técnica jornalística"**. Trabalho apresentado ao GP "Comunicação e Cultura", do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 42-55.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo:** uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Veja, 1993.